

A METRÓPOLE IMAGINÁRIA

ANDRÉ AZEVEDO DA FONSECA

Editora
UFPR

A METRÓPOLE
IMAGINÁRIA



Reitor

Ricardo Marcelo Fonseca

Vice-Reitora

Graciela Inês Bolzón de Muniz

Pró-Reitor de Extensão e Cultura

Leandro Franklin Gorsdorf

Diretor da Editora UFPR

Rodrigo Tadeu Gonçalves

Vice-Diretor da Editora UFPR

Alexandre Nodari

Conselho Editorial que Aprovou Este Livro

Allan Valenza da Silveira

Claudio Jose Barros de Carvalho

Diomar Augusto de Quadros

José Carlos Cifuentes

Margarete Casagrande Lass Erbe

Zélia Maria Marques Chueke

A METRÓPOLE
IMAGINÁRIA

ANDRÉ AZEVEDO DA FONSECA

Editora
UFPR

© André Azevedo da Fonseca

A METRÓPOLE IMAGINÁRIA

Coordenação editorial

Rachel Cristina Pavim

Revisão

Francisco Roberto Szezech Innocêncio e Luana Zacharias Karam

Revisão técnica

Flávio Henrique Dias Saldanha e Marcelo Silva

Revisão final

Do autor

Projeto gráfico e editoração eletrônica

Rachel Cristina Pavim

Capa

Lungas Neto

Imagens da capa

Arquivo Público de Uberaba

Série Pesquisa, n. 378

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. SISTEMA DE BIBLIOTECAS.
BIBLIOTECA CENTRAL – COORDENAÇÃO DE PROCESSOS TÉCNICOS.

F676m Fonseca, André Azevedo da, 1975-
A metrópole imaginária / André Azevedo da Fonseca. –
Curitiba: Ed. UFPR, 2020.
228 p.: il.; 20 cm. – (Série pesquisa, n. 378).
Bibliografia: p. 213-228.
ISBN 978-65-87448-08-4

1. Cultura popular - Uberaba (MG). 2. Patrimônio cultural - Uberaba (MG). 3. Uberaba (MG) - Usos e costumes.
I. Título. II. Série.

CDD: 869.85

CDU: 821.134.3(81)

Bibliotecário: Arthur Leitis Junior - CRB 9/1548

ISBN 978-65-87448-08-4

Ref. 999

Direitos desta edição reservados à

Editora UFPR

Rua Ubaldino do Amaral, 321
80060-195 – Curitiba – Paraná – Brasil
www.editora.ufpr.br
editora@ufpr.br

2020



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Dedicado à memória de Orlando Ferreira (1886-1957)

É nas ilusões que uma época alimenta a respeito de si própria que ela manifesta e esconde, ao mesmo tempo, a sua “verdade”, bem como o lugar que lhe cabe na “lógica da história”

Bronislaw Baczko (1985, p. 303)

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS / 11

PREFÁCIO

UMA BREVE VISITA À METRÓPOLE IMAGINÁRIA:

Uberabeia desvairada, habito sua sarjeta e bebo sua enxurrada / 13

INTRODUÇÃO / 17

CAPÍTULO 1

A VILA DOS CORONÉIS / 27

Uberaba, terra do zebu / 27

O coronelismo em Uberaba / 34

Disciplina social / 47

Retóricas da modernidade / 54

CAPÍTULO 2

O TEATRO SOCIAL DA CONSAGRAÇÃO PÚBLICA / 63

A encenação do requinte / 63

Circuitos de amabilidades / 80

Homenagens e louvores / 81

Clubes e associações / 87

Elogios circulares / 90

A virtude estética / 96

Elites urbanas / 100

Elites agrárias / 110

Elites políticas / 116

Elites ilustradas / 123

CAPÍTULO 3

ETIQUETA E PODER / 135

Caridade e repressão / 139

Ufanismo e poder / 149

A guerra e o patriotismo das elites / 159

Ficção consentida / 168

Capítulo 4

CINDERELA OU CIDADÃ? / 173

Uma miss em Uberaba / 176

Louvores na imprensa / 178

A espera / 180

Jussara: uma cidade que surge / 188

Rumo à política / 193

Enfim, Jussara em Uberaba / 195

Epílogo

A ERA DA ILUSÃO / 209

REFERÊNCIAS / 213

LISTA DE FIGURAS

- FIGURA 1 – MESORREGIÃO DO TRIÂNGULO MINEIRO E ALTO PARANAÍBA / 28
- FIGURA 2 – RUA ARTUR MACHADO, ÁREA CENTRAL DE UBERABA (1885) / 31
- FIGURA 3 – SEDE DA FAZENDA JATAÍ, AINDA APRESENTANDO A SIMPLICIDADE DO ESTILO COLONIAL (FINAL DO SÉCULO XIX) / 44
- FIGURA 4 – SEDE DA FAZENDA CEDRO / 44
- FIGURA 5 – A PRAÇA RUI BARBOSA FOI O MAIOR SÍMBOLO DA CONCENTRAÇÃO DE RIQUEZAS NA CIDADE DE UBERABA / 45
- FIGURA 6 – LADEIRA DO ROSÁRIO, ÁREA CENTRAL DE UBERABA (DÉCADA DE 1920) / 46
- FIGURA 7 – RUA DO COTOVELO, ÁREA CENTRAL DE UBERABA, TENDO AO FUNDO O MERCADO MUNICIPAL (DÉCADA DE 1920) / 46
- FIGURA 8 – ESCUDO OFICIAL DO MUNICÍPIO DE UBERABA / 54
- FIGURA 9 – RUA DA CONSTITUIÇÃO, ÁREA CENTRAL DE UBERABA (MEADOS DA DÉCADA DE 1920) / 56
- FIGURA 10 – RUA SÃO SEBASTIÃO, ÁREA CENTRAL DE UBERABA (MEADOS DA DÉCADA DE 1920) / 57
- FIGURA 11 – *LAVOURA E COMÉRCIO* NOTICIA A CONSTRUÇÃO DO CINE-HOTEL EM UBERABA / 77
- FIGURA 12 – NOTÍCIA DE CAMPANHA FILANTRÓPICA NO *LAVOURA E COMÉRCIO* / 107
- FIGURA 13 – PRAÇA RUI BARBOSA EM DOIS MOMENTOS: A (SUP.) – ORNAMENTADA POR PALMEIRAS IMPERIAIS, NOS ANOS 1930; B (INF.) – COM O TRAÇADO MODERNISTA ADQUIRIDO APÓS AS REFORMAS DOS ANOS 1940 / 122
- FIGURA 14 – ANIVERSÁRIO DO DONO DO JORNAL ERA A PRINCIPAL MANCHETE DE TODO DIA 9 DE FEVEREIRO / 129
- FIGURA 15 – “UBERABA: A IMPONENTE METRÓPOLE DO BRASIL CENTRAL” / 158
- FIGURA 16 – *MISS BRASIL* EM UBERABA / 188
- FIGURA 17 – *MISS BRASIL* ENCANTADA COM UBERABA / 202

PREFÁCIO

UMA BREVE VISITA À METRÓPOLE IMAGINÁRIA: Uberabeia desvairada, habito sua sarjeta e bebo sua enxurrada

Ninguém, mesmo que caído do céu ou vindo do inferno, poderia negar que aquele baile no Jockey Clube de Uberaba, com orquestra, mulheres e homens vestidos com exuberância, não tivesse, mesmo que de leve, uma tintura parisiense. A decoração do salão, a predominância de pessoas brancas, as roupas bem cortadas, mostravam uma sofisticação improvável, com a polidez afrancesada dos atores, marcada nos cortes, nos penteados e nas medidas forçadas, no começo do ano da graça de 1940.

Colares de pérolas e peças de ouro ornamentavam as mulheres, cuja proeminência se manifestava nessas joias reveladoras do papel social desempenhado por suas famílias naquela sociedade. Era a exibição pública do poder econômico, que se exprimia sem pudor através de bens que iam de palacetes construídos no perímetro urbano a fazendas majestosas. A cidade vivia sua *belle époque* tardia, comprando artigos de luxo na loja Notre Dame de Paris, ali mesmo, na esquina da Artur Machado com a praça Rui Barbosa.

Os cortes mais nobres eram enviados a ateliês de alto padrão em Uberaba e, especialmente, em São Paulo, para a composição de um rico vestuário. Para os homens, existia a sofisticada Alfaiataria Herculano Riccioppo, com seus costureiros bem paramentados e a

sofisticação de seus cortes de *cashmere*. Estas linhas são uma singela contribuição para a ambientação exposta nesta obra de fôlego do historiador André Azevedo da Fonseca, que abre uma janela indiscreta para que compreendamos o universo subterrâneo que ornamentava as relações sociais na cidade de Uberaba.

Ele nos revela uma dramaturgia comportamental que, embora não dependesse de ensaios, se manifestava por meio de pactos sociais subjacentes ao discurso de superfície. Essa “luxuosa” civilização emergente convivia num ambiente de precariedade, como relata o autor, onde a população servil era considerada uma máquina de carpir e de manejar bois.

Mas é preciso dizer que essa realidade não está restrita a Uberaba. Por isso, penso que este livro, na verdade, aponta questões sobre o modo de vida de um Brasil profundo e desvela uma lógica de relações históricas que ainda perdura em qualquer sociedade marcada por diferenças sociais extremas.

Os jornais e rádios, meios de comunicação mais importantes naquela época, faziam a narrativa da nobreza, dos grandes eventos, do civismo, da religiosidade, dos costumes e das realizações da elite local. Percebe-se que nem uma linha sequer – e isso acontece até hoje – era publicada gratuitamente nos jornais. “Elogios circulares” tinham a missão de fortalecer conceitos, de construir uma realidade a partir de uma abordagem que reforçava todas as virtudes que pudessem robustecer o caráter “altaneiro” de seus personagens, suas realizações pessoais e coletivas.

Da mesma forma, na leitura reversa, surgem relatos quase anedóticos sobre o modo de vida daqueles tempos, que refletem um profundo deslocamento da realidade. Sabe-se que, nos subterrâneos, à parte a narrativa de feitos extraordinários, de personalidades incomuns, de honra e glória, vicejava também naquela mesma sociedade uma hipocrisia de proporção oceânica. Brigas, intrigas, roubos, expropriações, assassinatos, casamentos arranjados, tortura policial

e coisas do gênero dividiam a cena cotidiana, sem merecer a devida atenção da imprensa.

Eventuais discursos divergentes, como o do jornalista uberabense Orlando Ferreira (1886-1957), denunciam, apontam nomes, mostram estatísticas, ofendem, espezinham e maltratam os atores, sem, no entanto, causar-lhes os efeitos esperados. Eles eram protegidos pelos “construtores da realidade”, incorporados numa imprensa bajulatória, cuja missão era defender os “valores fundamentais” daquela civilização e, com ela, seus protagonistas. A história, sobretudo quando busca suas fontes nos jornais, enfrenta o dilema de conviver com a perspectiva de que os fatos descritos incorporam algo bem mais complexo que o mero relato da realidade.

Nesse aspecto, André Azevedo da Fonseca demonstra como os fatos se contradizem ou revelam-se meias verdades à medida que o pesquisador vai se aprofundando nos estudos de seus símbolos, de suas expressões e das narrativas contaminadas por um pacto provinciano de proteção ao *status quo* da comunidade. Dessa forma, *Metrópole imaginária*, um clássico instantâneo da história cultural no Brasil, traz, ao mesmo tempo, uma rigorosa pesquisa historiográfica, uma narrativa de alta qualidade e a oportunidade de mergulharmos nos subterrâneos do interior brasileiro.

No fundo, a obra, a meu ver, é uma grande homenagem à história divergente e, indiretamente, a Orlando Ferreira: homem que, a despeito dos perigos daqueles tempos sem lei, em que o bacadarte poderia externar sua indignação a qualquer momento, foi capaz de confrontar sem mesuras todos os coronéis, chefes de polícia e toda horda de peões submetida ao mandonismo local. Por óbvio que seja, enfatizo que a missão do historiador não se limita a narrar fatos, mas deve trazê-los à luz por meio de análises que nos permitam enxergar além dos relatos oficiais e oficiosos.

Importante salientar que a narrativa nos revela também uma sociedade que se coloca totalmente à parte dos problemas sociais, fechada numa redoma na qual poucos atores produziam, estre-

lavam e deleitavam-se com o próprio espetáculo. Sem negros, sem pobres, sem uma porta de entrada para aqueles que, de alguma forma, por destino ou desgraça, não tinham credencias para participar daqueles eventos que ainda guardavam – se me permite o André – um pedacinho das maldições do Império, ou do imaginário que aquelas elites haviam construído sobre a herança dos tempos antigos.

Francisco Marcos Reis
Jornalista